

MALDITAS FRONTEIRAS



JOÃO BATISTA MELO

MALDITAS FRONTEIRAS

Benvirá



Rua Henrique Schaumann, 270
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05413-010
PABX (11) 3613-3000

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

ISBN 978-85-8240-134-7

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M485m

Melo, João Batista

Malditas fronteiras / João Batista Melo. – 1. ed. – São Paulo: Benvirá, 2014.
280p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-8240-134-7

1. Ficção brasileira. I. Título.

14-11025

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Diretora editorial Flávia Alves Bravin
Gerente editorial Rogério Eduardo Alves
Planejamento editorial Rita de Cássia S. Puoço
Editoras Debora Guterman
Gisele Folha Mós
Luiza Del Monaco
Paula Carvalho
Produtoras editoriais Daniela Nogueira Secondo
Rosana Peroni Fazolari
Comunicação e produção digital Nathalia Setrini Luiz
Suporte editorial Najla Cruz Silva
Preparação Luiz Dolhnikoff
Diagramação Nobuca Rachi
Revisão Johannes C. Bergmann
Tulio Kawata
Imagem da capa Thomas Hoepker/
Magnum Photos
Capa Carlos Renato
Produção gráfica Liliane Cristina Gomes
Impressão e acabamento xxx

Copyright © João Batista Melo, 2014

Texto vencedor do Concurso Nacional de Literatura Prêmio Cidade de Belo Horizonte, promovido pela Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

2014 Editora Saraiva

Todos os direitos reservados à Benvirá, um selo da Editora Saraiva.

www.benvira.com.br

1ª edição

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

546.649.001.001

*Para Maria do Carmo e Aline.
E também para Manoel Eid, Pedro e Fabinho.*



A rua ocupa todas as minhas lembranças. Sem ela, não existiriam as casas. Sem as casas, não haveria os brinquedos, os jogos, as histórias. Vejo-me correndo na calçada, as árvores lançando folhas sobre nossos pés inquietos, a grade da amarelinha riscando o cimento. Sophie de tranças loiras salta pelos quadrados, as pequenas sandálias preenchendo os números.

Não sei ao certo se estávamos em 1935 ou 1940, assim como desconheço se tínhamos dez ou doze anos. É apenas uma imagem solta que me ocupa os olhos. Um retrato que prendo à parede. Pode ser uma ilusão construída de fragmentos da realidade. Talvez eu não tenha vivido essa tarde, e a menina ao meu lado, pulando o jogo que o giz risca na calçada, seja apenas uma síntese de todos os momentos que passei naquela rua.

Novamente a rua: um traço de paralelepípedos atravessando meu passado. Dela cresciam as casas, em seu entorno se moviam as pessoas. Papai, mamãe. Sophie. Os alemães. E os outros vizinhos, para um lado e para o outro, em ambas as margens da rua. Um rio onde eu navegava com os meus sonhos de criança, lapidando uma felicidade que se construía com pequenas, mas profundas alegrias. Se hoje eu buscasse esse rio, não poderia encontrá-lo. É bem verdade que a rua continua lá, em algum obscuro recanto de Belo Horizonte, embora coberta de asfalto, aprisionada entre prédios. No entanto, ainda que as casas fossem as mesmas, e o betume não manchasse o espaço que pertencera aos paralelepípedos, não seria a mesma rua.

Não consigo mais dizer em que instante a ordem se rompeu. Talvez na tarde do jogo de amarelinha. Talvez algum tempo depois. Seja como for, sempre que

penso naquela época, no fraterno carinho pela menina alemã, ou mesmo na mudança que transformou papai ante meus olhos, como alguns personagens das histórias do senhor Konrad, emerge o instante do primeiro encontro com Erika. Quem sabe no próprio dia do jogo de amarelinha ela tenha caminhado em nossa direção, passos firmes, cabelos amarelos voando em meio às folhas que se soltavam das árvores, a mala pesada com poucas roupas e muitos livros, a criança adormecida no colo e envolta numa manta azulada.

Lembro-me de tudo isso e até mesmo das coisas que não vi, transformando em cenas frases que algum dia escutei, embalando os fatos com as minhas ideias como se fossem elas as condutoras da realidade. E assim recrio meu passado e o mundo que conheci durante longo tempo, com a esperança de neles encontrar as explicações para os muitos sonhos que não desabrocharam e para os pesadelos que ainda hoje carrego impenetráveis.

A pedra rola sobre os quadrados. Sophie dobra uma das pernas, enquanto a outra a sustenta, aquietando-se numa pose de garça, depois salta levemente, os olhos fechados. O vestido se agita junto aos joelhos, a meia afrouxa com o pulo e escorre até o tornozelo. Os quadrados avançam pela calçada, em grupos de um e dois, revezando-se até o semicírculo onde o giz escreveu a palavra “céu”. É ali que eu a espero, sempre temeroso de que seus pés se confundam na hora do salto.

Neste momento, conduzo as minhas lembranças. Impeço que os fatos me dominem. Prefiro as impressões, a emoção, os sentidos. Esqueço também a solidão e a saudade. Agora é somente essa imagem que me interessa. Sophie ergue as mãos para buscar o equilíbrio na frágil postura. Um pássaro prestes ao voo. Uma estátua de fonte, na fluidez imóvel dos jardins. Quando chega ao fim do traçado, ela se desequilibra, a perna suspensa busca o apoio do chão, enquanto o pequeno corpo tomba para a frente. É então que eu estendo minhas mãos e a amparo, transformando um mero instante na mais terna recordação que trago da infância.

A construção dos muros

Qualquer começo é um artifício,
e o que torna um mais recomendável que outro
é o sentido que ele dá ao que se segue.
IAN MCEWAN, *Amor para sempre*



1

Há uma estalagem, uma velha e alegre estalagem,
aos pés de uma colina cinzenta,
e ali eles fazem uma cerveja tão castanha
que até o Homem da Lua
desceu uma noite para se faltar.
J. R. TOLKIEN, *O Senhor dos Anéis*

Ela olhou para o mar, temendo pelo derradeiro destino do barco. A costa tão próxima era um acesso proibido, o capitão informara há pouco às centenas de passageiros, pois o Buena Esperanza não recebera autorização dos brasileiros para atracar. Por toda parte, nos apinhados conveses da terceira classe ou nos tombadilhos dos viajantes mais abastados, os rostos se voltavam para a silhueta da América do Sul que corria ao fundo.

Erika conteve a angústia e virou-se de costas para a vigia, recusando-se a ver a terra distante como um traço de lápis ao longo do horizonte. Caminhou até Hans, o pequeno corpo ocupando apenas um canto da cama de casal. Ele dormia, as pernas dobradas em posição fetal, o dedo indicador roçando de leve os lábios. Sorria sutilmente, alheio às tormentas que perturbavam os olhos azuis de sua mãe.

Ela andou pela cabine conferindo se haveria algum perigo caso Hans acordasse antes de seu retorno. Dificilmente ele despertaria naquele horário, e mesmo nesse caso o habitual seria continuar quieto na cama, brincando com as próprias mãos, até que ela abrisse a porta. Então Hans lhe ofereceria os braços eufóricos e a única palavra que restara para dar-lhe sentido à recente existência: “mamãe”.

Desde aquela noite em Berlim, Erika receava deixar o filho sozinho. Mas no *Buena Esperanza*, trancado no camarote, não existiam ameaças capazes de roubar-lhe o último elo com a vida. Ademais, precisava agora de todo o ar que pudesse absorver, de toda a amplidão que conseguisse reter diante dos olhos. Fechou a escotilha, trancou a porta e subiu para o convés, juntando-se à multidão que contemplava, desvalida, as nuvens densas e os raios sobre os longínquos vestígios

de terra. Ao lado, um homem murmurava sozinho, as mãos agarradas às barras que cercavam a amurada. Lá embaixo, um agrupamento ainda maior de pessoas apinhava-se no convés da terceira classe, imobilizadas pelo temporal que logo chegaria.

– Para onde iremos? – perguntou o homem, enquanto erguia um lenço para tocar os olhos. Ele fungou e depois se empertigou, buscando uma dignidade que já não fazia a mínima diferença.

– Não sei. – Erika respondeu, tentando divisar o litoral. – Não sei.

– O Rio de Janeiro está logo ali, detrás daquelas nuvens – o homem apontou para a frente, deixando o braço erguido algum tempo, talvez sonhando que tivesse o poder de dispersar os maços de cúmulos enfileirados no céu e puxar a terra de encontro ao barco.

– Não sei. – Erika sentia o vento carregado de umidade da chuva fustigar os seus cabelos. Esperava que os jorros de água descessem do céu e levassem-lhe da mente os detritos que se acumulavam ali há tempos. Ela tentava, a cada instante, sempre em nome do filho, garimpar razões para viver num mundo sem atrativos ou promessas. Qualquer coisa servia. Mesmo que fosse um jato de vento. Ou uma tempestade.

– Estamos indo para o sul. – O homem era jovem, não mais que vinte e poucos anos. – Será que nos deixarão desembarcar em Buenos Aires? – Ela também era jovem, embora aparentasse ser muito mais velha que o homem ao seu lado. Vendo os dois juntos no convés, alguém talvez imaginasse uma conversa entre mãe e filho. No entanto, há poucos meses, apesar de todos os temores e problemas, os espelhos lhe refletiam uma mulher bonita e elegante, com pernas reluzentes e torneadas, seios pequenos e firmes, sem nenhuma relação com o vulto sombrio que se debruçava na amurada enquanto pedia a si mesma para não saltar de encontro às ondas.

– Não tenho visto argentino – ela comentou.

– Eu também não – ele disse. – Mas precisamos descer em algum lugar. Eu não posso voltar para a Alemanha.

– Nenhum de nós.

– Você é judia?

– Que importância tem isso agora?

A tarde escurecia e conforme a tempestade se aproximava as pessoas iam voltando para os camarotes e conveses cobertos. Mas Erika e o homem permaneciam imóveis.

– É o que mais importa – ele murmurou. – Para todos nós. É por isso que estamos à deriva. Ninguém quer saber de judeus. Nem lá, nem aqui, nem em lugar nenhum.

As primeiras gotas de chuva caíram com estrondo na superfície metálica do barco. Rios em miniatura escorreram nas chapas, formaram pequenos lagos. As ondas batiam no costado, o barco adernava ora para um lado, ora para o outro, e as últimas pessoas foram deixando os conveses. Erika e o homem continuaram junto à amurada. Ele soltou-se da barra, indiferente ao balanço, e levou as mãos à cabeça. Gritou para o oceano:

– Merda!

Depois repetiu em tom mais baixo:

– Merda.

Perdendo o equilíbrio, quase caiu sobre Erika, mas apoiou-se no corrimão. Desculpou-se, sem esclarecer se pelo desequilíbrio ou pelo impropério. A chuva cresceu e eles foram obrigados a entrar para o corredor.

– Está viajando sozinho?

– Minha mulher e dois filhos. Estão dormindo. Minha mãe também. Papai morreu de enfarte no ano passado, depois que eles tomaram a fábrica e a nossa casa. Com o que sobrou, pagamos a passagem e o visto para o Brasil.

– Que está vencido – ela completou.

– Como o de todo mundo. Somos obrigados a parar aqui e ali. Eles sabem disso. Por que dão um visto de prazo tão curto?

– Para que vença.

– Eu não posso voltar para a Alemanha.

Ela percorreu o ar com a mão, quase lhe tocando os dedos, e, mais uma vez, sentiu-se mãe. Os relâmpagos sobrevoavam todo o navio, evocando por um instante o clarão do dia em meio à noite que começava. O balanço do navio aumentava e era preciso, às vezes, apoiar-se nas paredes. Erika se lembrou do filho sozinho. Despediu-se com um olhar e se afastou na direção do camarote. O menino ainda dormia. E um trovão mais forte ecoando nas entranhas metálicas do *Buena Esperanza* a levou a Berlim numa noite escura e silenciosa, o som da neve caindo sobre os telhados. O estampido de tiros reverberando como se a memória fosse um grande sino, e lá dentro o badalo se movesse ao longo da vida, intermitente, lancinante, interminável.

Hans se mexeu na cama. Ergueu o braço até o rosto, protegendo-se das luzes que amarelavam a janela. Muitas vezes, no colo, o menino a olhava de um jeito estranho e então Erika tinha a certeza de que, de algum modo, ele sabia. Naqueles meses desde a noite em Berlim, ela se multiplicara para substituir a presença de Albert. Entretanto, quando experimentava a sensação de que, enfim, conseguira proteger o filho do peso de conhecer a ausência do pai, ele apontava alguma coisa que a frustrava. Podia ser um balão de borracha igual aos que o pai costumava soprar ou um paletó semelhante aos que ele usava antes da chegada do terror. Nesses

momentos, Hans balbuciava sílabas que, para Erika, soavam como uma forma incompleta de *papai*, talvez traduzindo a sua própria saudade de Albert.

Trocando por uma camisola o vestido que pusera às pressas para ir ao convés, deitou-se ao lado de Hans e começou a cantar para que dormisse novamente. A luz no teto falhava no ritmo das ondas, dando ao camarote um tom de penumbra, como o lugar que antecede os limites do sono.

Uma noite assim cobrira Berlim meses atrás. As ruas desertas, com exceção dos pelotões de soldados e de arruaceiros que andavam a esmo como enxames de abelhas. Zumbiam em torno da cidade, sem favos nem pólen, apenas um bando de homens construindo o caos. Em algum momento, pararam na loja de Albert e Erika, depredando móveis e livros. Na realidade, a loja não mantinha mais atividades ilegais, desde quando se tornara fatalmente perigoso ajudar quem tentava partir daquele estranho mundo em que se convertera a Alemanha. Mas mesmo assim eles a destruíram minuciosamente, com a tenacidade e a inspiração dos que dominam ao inverso a arte da criação.

Cantando para a criança que tornava a ressonar, Erika cobriu os ouvidos e abafou os trovões. Mas as mãos em concha sobre a orelha protegida, assim como as pálpebras cerradas para não ver os raios, não podiam reter as lembranças de outro tempo que, na verdade, estariam sempre gravadas no lado de dentro dos olhos. Quando Hans se aquietou no sono, ela voltou a se levantar e caminhou pelo cubículo do camarote.

Os cabelos moveram-se em torno do rosto, como fios de chuva sob o clarão dos raios, encobrendo-lhe novamente a visão, enquanto ela apoiava a cabeça de encontro à porta da cabine. Embalada pelas sombras do anoitecer, adormeceu em pé por um rápido minuto. Sonhou que o navio girava para voltar ao ponto de partida, ouviu os homens que se lamentavam, viu o desespero das mulheres preferindo o destino das ondas ao regresso para a Europa.

Abriu os olhos e recostou-se na cabeceira da cama. Cochilou e despertou vezes seguidas, e num desses trânsitos ouviu a voz de Albert dizendo seu nome. De outra vez, dançou com ele nos campos em volta do castelo de seu pai, a música nascendo nos foles dos acordeons. Foi até a janela e puxou a cortina que vedava a visão do mar. Encontrou o negrume das ondas e pequenas estrelas cintilando nas cristas, um reflexo das luzes que o navio emanava. Da tempestade, restava o sopro dos ventos, recolhidos os raios para algum ponto da noite cerrada.

O castelo talvez nem mais existisse, demolido ou, o mais provável, ocupado pelos protegidos dos nacional-socialistas. Os bens confiscados, a história apagada, até mesmo as recordações ganhando uma sombra que as desfocava. Os pais transformados em fotografias numa parede e, agora, em fotografias que não mais dispunham sequer de paredes onde se apoiarem.

Estendeu a coberta sobre Hans para protegê-lo do frio que brotava do cômodo de metal e se reviu naquele gesto algum tempo antes. As mãos na borda da manta levavam-na até o corpo adormecido da criança. A coberta descia fluida como um pássaro no momento do pouso. Por mais que Erika vasculhasse os pensamentos, a lembrança se estagnava no instante da colcha descendo no peito de Hans. E retornava idêntica, sem início nem fim, a película de um filme com as duas extremidades unidas.

Abraçando o filho, deixou-se naufragar no travesseiro sem conforto. Esperou que a noite mais uma vez a levasse para a inconsciência. Quando a voz chorosa de Hans reclamou de algo, ela se recordou da existência da manhã. Beijou-lhe a face e o deitou junto à beira da cama. Retirou os alfinetes que prendiam a fralda e a colocou num canto. Vestiu-o com um pano limpo, colocou-lhe a blusa com ramos bordadas e uma calça comprida e o levou no colo para o corredor. Alguém que passava cumprimentou-a em alemão e ela imaginou, na inflexão da voz, o timbre de Albert. Enlouqueceria se ainda precisasse ficar muitos dias no ambiente limitado do navio. Albert. Albert. Ela o amara tanto e, agora, desse amor restara somente o menino nos braços. E a memória de uma noite que precisava ser extirpada para sempre.

Ela e Albert estiveram na livraria depois que se dissolvera o torvelinho dos soldados. Sabiam que chegara a hora de também partir. Precisavam percorrer os caminhos que tantas vezes seguiram com o intuito de ajudar outros a deixarem a Alemanha. Pagar os vistos, subornar as poucas autoridades que ainda podiam ser flexíveis, vender os bens por valores aviltantes para comprar a própria liberdade. Por algum motivo, não tinham se preparado para o dia em que eles mesmos se vissem naquela situação. Mas, diante dos móveis destroçados e dos papéis revoltos, não restara espaço para a dúvida.

Erika precisava dar o desjejum ao menino, mas primeiro seguiu até a ponte de comando. Procurou o capitão, contentou-se em conversar com o imediato. Rumavam para Buenos Aires, ele confirmou. Tinham a esperança de que pudessem aportar, alguém fora reticente no telégrafo, e mais valia uma chance do que a simples proibição dos brasileiros. Depois do café, Erika caminhou no convés, levando na mão os passos ainda indecisos de Hans. Observou lá embaixo, no convés de terceira classe, os passageiros mais pobres se amontoando para tomar um pouco de sol. Pensou em quantas pessoas ela e Albert tinham ajudado a embarcar em outros navios iguais àquele.

Uma menina com lenço nos cabelos olhava para cima, a boneca de pano abraçada contra o peito, uma das mãos acenando na direção de Hans. Detrás dela, um homem, talvez o pai, olhava o horizonte. Após o almoço, Erika sentou-se numa cadeira do convés e deixou Hans brincar no chão com uma pequena

bola. Sentia na pele a mesma excitação que percorria todo o barco. A vontade de que as ondas parassem de passar e dessem lugar a um porto e ao desembarque. A impaciência com o descaso e a lentidão das horas. Mais tarde, Hans adormeceu. Da mesma forma que dormira na noite do passado. Erika, sentada ao seu lado, no segundo andar da casa em Berlim, despertara de um cochilo ao ouvir as batidas na porta. No pavimento térreo, Albert se imobilizara enquanto ela se levantava para chegar à borda da escada. Dali vira a porta arrombada e Albert rodeado por meia dúzia de homens. Quando um deles retirou a arma e a apontou para Albert, ela quis gritar, mas se lembrou de que o pequeno Hans dormia. Temeu pelo filho e se calou. E quando o tiro apagou da existência o homem que amava, seu único pensamento foi para o bebê: “não acorde, por favor, não acorde”.

As águas barrentas do rio da Prata acolheram o navio e Erika estava de novo em pé junto à amurada. O filho assentado na curvatura do braço, ela admirava com as outras centenas de passageiros a chegada da terra que se aproximava. Era uma manhã escura, adornada de nuvens, com um cheiro de chuva que não se concretizava. A Argentina chegava lentamente, como os sonhos imprecisos do final da madrugada.

– Não vamos descer – alguém comentou ali perto. Erika se virou para encontrar o mesmo homem do outro dia. Tinha no rosto o semblante da desesperança, aqueles traços sutis que inclinam as linhas da face para baixo, puxando os olhos para o chão.

– Como sabe? A tripulação não disse nada.

– Eu sei que não vamos descer.

Erika apontou ao filho as ondas crispando o rio em torno do barco. Mas a atenção da criança já se voltava para o bando de gaivotas um pouco acima do *Buena Esperanza*. Elas planavam por alguns metros e, quando o movimento do navio as deixava para trás, agitavam frenéticas o branco das asas até ultrapassarem de novo a embarcação, quando se soltavam outra vez na superfície do vento e, depois, tornavam a repetir toda a sequência de movimentos. Hans gargalhava excitado, as mãozinhas tentando em vão apanhar as aves.

– Piu piu! – ele murmurou antes de abraçar a mãe e recostar a cabeça em seu ombro.

Erika passou entre a multidão que esperava no convés, procurando discernir o uniforme branco de algum tripulante. Entrou numa porta metálica, subiu a escada por um corredor apertado e parou junto à entrada da ponte de comando. Lá dentro, encontrou um homem idoso, embora o porte robusto lhe descontasse na aparência pelo menos uma década. A barba farta e grisalha, os olhos estalados, o rosto curtido por muitos verões em pleno mar, tinha o aspecto que se espera de um capitão. Mas, naquele momento, a postura altiva se dissolvera

por algum motivo, e ele apenas se assentava a uma mesa, sozinho, o rosto incrustado nos punhos erguidos. Falava consigo mesmo e nem sequer percebeu quando Erika entrou no cômodo, erguendo o rosto somente ao ouvir os balbucios do menino:

– Pitau.

O capitão aprumou-se, estendendo um dedo para tocar na barriga de Hans.

– Olá, pequeno lobo do mar. Você vai ser um grande pitau.

Ele inclinou, cavalheiro, a cabeça na direção de Erika.

– Em que posso servi-la, senhora?

– Eles vão nos receber?

O capitão caminhou pelo compartimento, parou ao lado de uma grande bússola e correu a mão por cima do vidro, parecendo que tentava mover, com as unhas grandes mas limpas, o vértice do ponteiro que mirava o norte, a direção oposta àquela para onde navegavam.

– Uma vez eu me perdi com meu pai. Eu era uma criança, embora maior que o pequeno lobo do mar no colo da senhora. Nós estávamos no bosque perto de nossa vila, no sul da Espanha. Papai não era muito bom para se orientar em terra. Ele pescava. Era assim que ganhava a vida. Nos sábados saíamos pelo mato procurando lenha para o fogo. Daquela vez, meu pai não achou o caminho de volta. Ficamos a tarde inteira e um pedaço da noite procurando a saída de volta para casa. Eu queria chorar mas não podia, porque ele ficava bravo toda vez que eu chorava. Até que mamãe chamou meus tios e eles nos encontraram.

Erika sentiu-se perturbada diante daquela repentina confiança de um estranho.

– Por que está me dizendo isso?

– Desculpe-me, senhora...

– Rosenthal. Erika Rosenthal.

– É judia?

– Não.

– Pouco me importa se a senhora é judia, francesa ou se nasceu na Mauritània, senhora Rosenthal. Pouco me importa quem seja a turba que eu carrego em meu barco através do Atlântico. Pouco me importa de onde vêm ou para onde vão.

Erika percebeu que, no fundo da sala, um rapaz segurava o aro de um timão. Os olhos fixos no vidro da janela, o corpo imóvel do tripulante parecera um item do escasso mobiliário.

– Mas eu não gosto – o capitão prosseguiu –, eu não gosto nem um pouco quando sou obrigado a vagar para cá e para lá, igual àquela vez no bosque com meu pai, sem saber onde vou poder enfim atracar. Isso não é humano, senhora. Isso não é humano.

– Eles vão autorizar nosso desembarque?
– Não.
– Então, por que estamos avançando para o continente?
– Não vamos mais avançar, senhora. Assim que terminarmos nossa conversa, vou ordenar àquele grumete ali que gire o timão e faça meia-volta. Vamos voltar à Europa, senhora.

Erika apertou Hans contra o peito. Algo gritou dentro de seus ouvidos, uma voz cavernosa, mais potente que o ribombar dos motores, dizendo-lhe que não podiam voltar. Os tiros soavam de novo, os olhos tornavam a contemplar a cena que não viram e nunca seriam capazes de esquecer, bem como outras imagens que a antecederam: as ruas de Berlim desertas, os grupos de soldados e os desordeiros nazistas destruindo lojas, arrombando casas, desfazendo sinagogas. Uma noite de tiros dilapidando vidas, de vidraças e vitrines se quebrando. Uma noite de cristais. Congelada como um fóssil em âmbar, como o friso do tempo nas estrias de um cristal. Guardados ali para todo o sempre, até que a mente os apagasse, reduzindo-os ao passado, transformando-os na memória de algo que não poderia acontecer outra vez. Mas aconteceria, ela tinha a certeza, e por isso jamais poderia voltar àquela terra que apagara quase todos os seus sonhos.

– Nós não podemos regressar – Erika sussurrou. – Precisamos ir para outro lugar. Vamos tentar os Estados Unidos. Ou, quem sabe, Cuba.

O capitão se virou para o tripulante no fundo da sala e, com um gesto de mão, ordenou que ele fizesse o navio voltar atrás.

– Senhora, sabe de que um navio precisa? Não é de passageiros, não é de tripulantes, não é de um capitão. Tudo de que um navio precisa para seguir em frente se chama combustível. Sem ele, não vamos a lugar nenhum. Ficamos para sempre no meio do mar. Como eu achei que ficaria naquela floresta com o meu pai.

– Não temos combustível?
– Com sorte, temos para chegar até a Europa.
– Por que não reabastecemos em algum porto?
– Em qual, minha senhora? Não nos deixam sequer chegar perto. Parece até que temos a peste a bordo.

Erika beijou o filho antes de se virar para sair. Na porta, dirigiu-se ao capitão:

– Talvez tenhamos. Talvez todos os homens tenham a peste.

Enfurecida, começou a descer as escadas, os saltos dos sapatos batendo nos degraus de aço. No último deles, ela se assentou. Abraçando o filho, perguntou-se por quanto tempo deixaria retidos os sentimentos que a atordoavam. No início fora pelo filho, depois pela necessidade de controlar-se até que a fuga se consumisse. A sobrevivência impusera-lhe o domínio da razão.

O menino chorou em voz alta e ela se esforçou para controlá-lo.
– Não chore. Não chore – dizia enquanto murmurava uma triste cantilena.
Alguns minutos se passaram antes que a criança se calasse. Ao se levantar, Erika se assustou ao ver ali perto um braço de homem erguido, quase tocando os cabelos de seu filho.

– Perdoe-me se fui indelicado, senhora Rosenthal. Um capitão deve ser o equilíbrio e a sensatez em um barco. Mas também sou humano. E nem mesmo sei se sou um bom capitão. Embora de qualquer modo tenhamos de voltar para a Europa. Lamento pela senhora e por ele. Na verdade, lamento por todos neste barco.

– Não tanto quanto nós mesmos.

Ele fez um gesto vago de desalento e impotência e continuou parado e imóvel diante de Erika.

– Obrigada – ela começou a se afastar, mas antes que passasse ao outro convés, voltou-se: – Capitão, o senhor precisa fazer alguma coisa. Telegrafe para o Rio de Janeiro. Telegrafe para as autoridades.

– E quem disse que não temos feito outra coisa?

– Telegrafe para Vichy. Lá existe um homem, um brasileiro, um escritor que conseguiu o visto para mim. Diga meu nome, pode ser que ele se lembre, deixou um livro meu quando busquei o visto. Pelo amor de Deus, telegrafe para o mundo inteiro.

– Senhora Rosenthal, já estivemos às portas do Brasil e eles não destrancaram as fechaduras. Nós não podemos atracar. Vocês não vão desembarcar no Brasil.

– Por favor, capitão. Por favor.

– Lamento – o capitão subiu os primeiros degraus, parou pensativo e desapareceu no longo corredor das escadas. Sua voz ecoou em seguida, enquanto se ouvia, ao mesmo tempo, seus passos no espaço contido da cabine. – É impossível, senhora Rosenthal.

O navio ganhou velocidade de cruzeiro, as águas barrentas do rio da Prata se diluíram na imensidão do mar. O tempo também se dissolveu num estado inosso, em que nada parecia de fato acontecer. As pessoas se encontravam em silêncio pelos corredores e conveses, paravam nos restaurantes para comer sem nada dizerem uns aos outros, apenas os ruídos de pratos e talheres dando relevo ao vazio. Todos amanheciam e se deitavam esperando que o navio parasse em algum porto europeu.

Numa tarde, Erika sentava-se na cadeira ao lado de uma mulher concentrada na leitura de um livro de receitas. Erika imaginou por qual motivo alguém leria um livro sobre aquele assunto num barco que viera da morte e a ela retornava, e não conseguiu encontrar a resposta. Talvez nem a mulher pudesse responder.

O tempo ruim, repleto de rajadas de vento, impediu que ela percebesse de imediato a manobra. Foi muito devagar que notou a mudança e chamou a atenção da mulher ao lado:

– Estamos mudando de direção.

A mulher se assustou.

– Que direção?

– Estamos indo para oeste e não para o norte.

– O barco está desviando da tempestade.

– Não tanto assim. Estamos indo para algum lugar.

Levantando-se, ergueu o filho e correu para encontrar o capitão. O seu sorriso respondeu-lhe antes de qualquer palavra. E, alguns dias mais tarde, Erika estava junto à amurada, tendo ao lado o mesmo homem da outra vez, aquele que praguejara contra o mundo e, por pouco, quase se tornara um amigo, agora acompanhado pelos filhos e pela esposa. Olharam o litoral crescer como um sonho, os barcos no porto ganhando forma, o relevo dos morros distorcendo o horizonte. No alto de um deles, um Cristo de braços abertos pareceu recebê-los. E o homem ao lado de Erika, embora judeu, não resistiu a ajoelhar-se e a repetir o gesto de abrir os braços como se pudesse assim abarcar todo o continente que chegava ao seu encontro. Mal sabiam que ao atracarem uma nova ordem percorreria a multidão apinhada nos conveses. Nem todos poderiam deixar o navio. As autoridades brasileiras se postavam diante das pranchas de desembarque, empunhando listas de nomes que teriam o direito de pisar em terra brasileira. As últimas pessoas a serem chamadas foram Erika Rosenthal e o menino Hans.

Incapaz de conter a estranha explosão de felicidade, ela apanhou a mala e caminhou devagar, o filho no colo, rumo ao cais. Porém, quando notou que não haveria novos nomes, retornou e apertou a mão do homem que lhe fizera companhia, e depois a de seus filhos e de sua esposa.

– No final, você não é judia – ele disse num comentário isento de inveja ou crítica.

Erika teria chorado se não pudesse apertar Hans contra si, buscando, no corpo tão pequeno, amparo diante de um mundo que cada vez mais lhe soava intraduzível. Quando seguiu pelo porto, olhou para as amuradas do navio e, lá em cima, vislumbrou o homem que lhe acenava e, depois, abria novamente os braços. Mas desta vez não restava o que ele pudesse abarcar com suas mãos.

Diante de Erika, as duas linhas traçavam o destino. Brilhos paralelos dividindo o mundo. Havia o chão do lado de cá dos trilhos e o do lado oposto. Num sentido, os dormentes apontavam para o Sul do país, onde se apinhavam os imigrantes

européus. Ela tinha notícia de cidades inteiras povoadas por alemães, preservados os trajes, as danças, o linguajar nativo. No outro, ela encontraria apenas conterrâneos avulsos. O instinto de mãe a atraía aos vagões que a levariam à segurança do Sul. No entanto, algo a fez tomar o outro trem, que a locomotiva arrastaria até a cidade longe do mar, da qual não tinha como referência mais que um nome num envelope recebido por seu pai há muitos anos: Belo Horizonte. O remetente era um ex-empregado que migrara no início do século para a América do Sul e, em algum momento, decidira comunicar ao antigo patrão que se estabelecera numa nova cidade.

Ela hesitou em aceitar a ajuda do rapaz negro que se oferecera para carregar a mala, temendo que ele a roubasse, mas, depois de arrastar a bagagem por muitos metros, terminou por concordar. No trajeto pela plataforma de embarque, flagrou-se olhando por tempo excessivo a pele escura do jovem. Desde a saída do navio, não conseguia evitar a surpresa com o excesso de pessoas negras circulando por todos os pontos da cidade. Era uma novidade à qual precisaria se acostumar de forma natural. Sempre didática e autoritária consigo mesma, penitenciou-se para não ceder a qualquer brecha de preconceito, logo ela que partira para fugir das discriminações em seu próprio país. Após entregar a bagagem ao chefe do trem, o rapaz desejou-lhe boa viagem. Erika levou a mão à bolsa e pegou algumas moedas, mas ele a impediu com um gesto antes de sair caminhando pela plataforma. Ela mais uma vez se culpou por agir de forma preconceituosa e terminou gritando um agradecimento tardio, embora, na agitação do embarque, tenha esquecido a palavra em português para gratidão, “obrigado”, uma das muitas que estudara nas noites fugitivas pelas pensões alemãs, e depois nas casas de amigos na França e nos intermináveis dias ao longo do oceano.

No gíngado do trem, afundou em pensamentos sombrios. O esgotamento da viagem e do período que a antecederia começava a cobrar seus tributos. Já não conseguia pensar com muita clareza, embaralhando-se na sequência dos raciocínios. E se o ex-empregado do pai não morasse mais no mesmo endereço ou mesmo em Belo Horizonte? O que faria numa cidade estranha, levando Hans consigo, sem sequer falar corretamente a língua do país?

A angústia não se dissipou quando a cidade apareceu com suas construções baixas, casas neoclássicas, ruas amplas e arborizadas, os trilhos do bonde riscando os paralelepípedos como os rastros siameses de um trenó. E não diminuiria quando ela caminhou pelas quadras desertas, o menino no colo, a mala pesando na mão firme, a neblina esfumando as casas mais distantes, e parou diante de duas crianças para perguntar onde ficava a cervejaria dos alemães.

Uma menina e um menino brincavam em torno de um jogo traçado em giz sobre o chão, quadrados e números enfileirados até um semicírculo. Perguntou-

-lhes se conheciam o senhor Konrad Petersen. Ao ouvir a menina responder em alemão, um sorriso de surpresa ameaçou surgir-lhe nos lábios. Agradeceu a oferta do garoto para ajudá-la a carregar a mala, quase maior do que ele, e seguiu pelo quarteirão que faltava até o sobrado, onde se destacava, em português, o nome óbvio, mas por ela muito esperado: Cervejaria Alemã.

Ouviu passos às suas costas e encontrou as duas crianças que continuavam a segui-la. Falando num tom leve como um balão em voo, a menina perguntou-lhe se estava indo para a cervejaria. Era uma garota de uns dez anos, absolutamente loira, que envolvia cada palavra num sorriso, enquanto olhava sempre para a frente. Erika pensou que aquela era uma das mais belas crianças que já vira, mas sentiu algo estranho em sua presença, uma espécie de deslocamento, não apenas na voz volátil que pairava em torno deles enquanto caminhavam.

– Pergunta se ela veio da Alemanha! – o menino pediu à garota, depois levou os dedos até o rosto adormecido de Hans. – Bonitinho o neném. É o neném ou a neném, pergunta pra ela.

– É claro que é menino, bobo – a garota entremeava os passos com pequenos pulos, como se ainda brincasse entre os quadrados de giz do jogo de pular maré.

– Pergunta se ela veio da Alemanha, Sophie. Anda, ou eu vou ter que perguntar?

Erika deixou que o menino dividisse com ela a alça da mala.

– Você sabe se a cervejaria ainda é do senhor Petersen?

– É do vovô Konrad.

– Konrad Petersen é seu avô? Você é a filha de Marlene? Eu brincava com sua mãe na fazenda quando éramos menores do que você. Como você se chama, menina?

Um choro as interrompeu. O pequeno Hans ergueu a cabeça do ombro de Erika e encarou as crianças. Sorriu e voltou a deitar-se, preguiçoso, olhando a cidade estranha pela qual andavam e, mais ao fundo, o tom vermelho do crepúsculo que tingia o calçamento de pedras.

– O que ela está falando? – o menino cutucou o braço da amiga, não contendo a curiosidade. A bem da verdade, ele traduzia muitas palavras, mas nem sempre conseguia dar-lhes uma continuidade, como elos soltos que não perfaziam uma corrente.

– Que ela é alemã e que o neném é um menino – Sophie comentou, antes de dirigir-se à mulher: – Mamãe morreu quando eu nasci. Moramos eu, papai e o vovô.

Erika interrompeu os passos e observou a cervejaria, as janelas de vidro jateado, ocultando as mesas e cadeiras que adormeciam detrás da porta fechada.

– Dois homens e uma menina? Não sei se vou poder ficar.

– Ficar onde?

Como Erika não respondeu, Sophie acelerou o passo e parou antes do meio-fio, voltando a cabeça para o alto, dando a impressão de que ouvia alguma coisa à distância.

– Vovô não gosta que a gente entre na cervejaria à noite. Acho que ainda não é de noite, é? – e olhou para um ponto onde não estavam nem a mulher com o bebê nem o amigo com quem brincava.

Erika descansou a mala no chão, ajeitou Hans no colo e examinou o rosto de Sophie. Ela já descobrira, enfim, o que notara de estranho na menina. Eram os olhos. Tão azuis quanto a película de mar em algumas praias do Mediterrâneo. Porém, estranhamente imóveis, como duas pérolas azuis no manto de uma ostra aberta. A menina era cega.

A luz do crepúsculo coloria a bebida quando Konrad Petersen ergueu o copo. As bolhas de espuma colaram-se aos fios do bigode grisalho e restou nos lábios um leve amargor.

– Está certo de que não quer um copo, monsenhor? – perguntou ao homem no outro lado da mesa.

– Não sou um monsenhor, mas apenas um sacerdote.

– Claro que sim. Mas não seja tão chegado a filigranas, monsenhor.

Konrad Petersen e o padre Wolfgang lembravam irmãos. Ambos mesclando nos cabelos o tom grisalho ao reflexo dourado, como uma extensão da bebida no copo, embora Konrad já tivesse ultrapassado há algum tempo os setenta anos e o padre estivesse pouco além dos cinquenta.

– O álcool é a bebida do mal, caro Petersen.

– Deixe disso, monsenhor Wolfgang. E desde quando uma boa cerveja é apenas uma bebida alcoólica? Com esses pruridos nem parece um alemão. E além do mais, quem inventou a cerveja?

– Os sumérios. E depois os assírios, os babilônios, os egípcios.

– Não desconverse, monsenhor. Foram os seus correligionários, os monges medievais que aprimoraram esta preciosidade que o senhor de modo estúpido se recusa a beber. Fabricavam a cerveja para aguentar os longos períodos de jejum.

– Você já me disse isso mil vezes.

Konrad ergueu o copo.

– À nossa saúde, monsenhor. E ao prazer que o senhor perde ao não beber minha maravilhosa cerveja.

– Admiro-o, caro Konrad. Você consegue se dizer um homem de fé e ainda comete dois pecados simultâneos. A bebida e o orgulho.

– Orgulho de quê, monsenhor? Apenas digo a verdade: faça a melhor cerveja que alguém fora da Alemanha já conseguiu fazer. Sobre o pecado, lembre-se de que no Novo Testamento há uma festa na qual serviram vinho, que foi aliás milagrosamente multiplicado. Quanto à fé, já acordamos há muitos anos não discutir esse assunto.

– De que fé estamos falando aqui? Fé num copo de cerveja?

– Herege é o monsenhor, que ousa não tomar a melhor cerveja fora dos limites da Alemanha.

O padre bebeu do copo de água e começou a rir, depois tornou a ficar sério, olhando as luzes da tarde que se dissolviam na vidraça.

– De que limites fala, Konrad? Daqueles onde nascemos ou desses novos que Hitler espalha pelo mundo? Se as coisas continuarem como estão, em breve sua cerveja não estará mais distante das fronteiras da Alemanha. O governo brasileiro parece interessado nessa hipótese. Ao menos estão num namoro interminável com os nazistas. O filho do presidente Vargas não estava lá na Alemanha estudando? O ministro do Exército não foi convidado para participar dos exercícios militares alemães?

– Pelo que leio nas entrelinhas dos jornais, cada um dos ministros puxa para um lado. É difícil saber para onde o presidente está realmente olhando. Quanto ao filho dele ter estudado lá, não são nossas restrições pessoais a Hitler que diminuirão a qualidade do ensino alemão. Nossa terra tem algumas das melhores escolas do mundo, não concorda, monsenhor?

O padre Wolfgang correu os olhos pela cervejaria. Os vidros das janelas, jateados com o nome do estabelecimento, iam escurecendo à medida que o sol descia no horizonte. Num canto, o longo balcão, as garrafas de vinho e cerveja nas prateleiras, os refrigeradores bojudos, a cortina rendada que cobria a porta da cozinha. As mesas ainda traziam as cadeiras viradas sobre o tampo, aguardando que o garçom chegasse para arrumá-las. Era impecável a limpeza de todo o salão, os móveis bem conservados. Um ambiente que, a contragosto, causava uma sensação prazerosa no padre Wolfgang. Havia ali, apesar do absurdo da comparação, uma paz similar ao aconchego das catedrais. Decerto não era da bebida ou das conversas mundanas, contaminando o ar como em qualquer bar ou taberna, que brotava essa impressão quase sacra. O sacerdote acreditava que do interior de Konrad devia surgir uma espécie de amor que se espalhava entre as paredes da cervejaria. Ela era como uma extensão daqueles cabelos brancos e loiros, da pele e das mãos enrugadas que, ao longo dos dias e dos meses, lapidavam os grânulos de lúpulo e cevada para deles extrair os tonéis de líquido amarelado.

Fazer uma cerveja, em tese, era um processo simples, uma receita a seguir como no preparo de um bolo ou de uma sopa. Debulhe as hastes douradas onde moram os grãos de cevada, germine-os para que se tornem malte. Seco e moído, coloque-o num tanque com água pura, onde ele fermentará num caldo denso e primevo, do qual se extrairá o mosto, líquido polvilhado de açúcares e nutrientes. Junte flores de lúpulo, delicados cachos em forma de testículos, embora apenas se use a planta fêmea. Ferva e filtre o mosto, acrescente leveduras, deixe-as trabalhar por vários dias, a mais de vinte graus ou a menos de doze. Então faça a cerveja adormecer para que nasçam álcoois e gases e a revolvam por dentro, como a entranha dos vulcões. Uma sequência que qualquer alemão conhece. Mas que não o torna um bom cervejeiro.

Não encontravam sucesso aqueles que apenas roubavam as fórmulas dos druidas. Era no domínio dos detalhes, controlando temperaturas e sabores, dosando na mão as porções de lúpulo, que na verdade se fazia uma boa cerveja. Por isso, o padre Wolfgang admirava o amigo. E se implicava com ele era apenas para provocá-lo. O fato real era que ele não sentia prazer no consumo de qualquer bebida alcoólica. Conhecía padres e pastores alemães que costumavam tomar uma cerveja às refeições, não vendo nisso nenhum ato pecaminoso.

– Nada disso é novidade, monsenhor. – Konrad terminou a caneca de cerveja e a empurrou para um lado. Raramente tomava uma segunda e, ainda mais, uma terceira. A partir do segundo copo, costumava dizer, não se bebe mais a cerveja e sim o álcool. Limpou os lábios com as costas da mão e prosseguiu: – Você sabe. Aquelas teorias lunáticas daqueles políticos e intelectuais como Hugenberg, Haase e aquele outro cujo nome esqueci. O pangermanismo. A Alemanha pelo mundo afora onde quer que existam alemães.

– Class dizia que o imperador era um fraco pacifista, que precisávamos da guerra para expandir o nosso país. Sei disso. Mas eles eram uns teóricos.

– Tinham membros no Reichstag.

– Sim, tinham membros no Parlamento. Mas não fizeram nada. Exceto torpedear os sociais-democratas, judeus, imigrantes, a Inglaterra, o capitalismo.

– Mas suas ideias ficaram. O governo atual na Alemanha é a prova.

O padre Wolfgang puxou do bolso, um corte quase imperceptível na batina, o relógio circular preso por uma corrente.

– Hora de ir embora, Konrad. Se saio daqui mais tarde, vão acabar dizendo que também visito prostíbulos.

– É a verdade não deve ser dita, monsenhor?

– Konrad, hoje você está muito inconveniente. E essa é mais uma razão para ir embora.

Konrad puxou a caneca e sorriu, olhando os vestígios de espuma que circundavam o interior da louça como brancas serpentinhas.

– Tempos ruins estes em que vivemos, monsenhor.

– Nem tanto, Konrad. Todos os tempos de alguma forma são ruins. Ou bons.

– Você já tinha vindo embora na outra guerra. Eu ainda estava lá no campo de batalha. Está certo que eu nem precisava ter ido. Tinha mais de quarenta anos, um trabalho, filhos, mas fui defender os interesses do *Kaiser* e a honra do nosso país. Os interesses daqueles que depois entregaram a Alemanha aos adversários. O maior horror que já vi. Homens se dilacerando como animais. E no entanto, éramos todos homens naquele fim de mundo, os alemães, os franceses, todos com suas famílias, esperanças e preocupações. Tudo enterrado naquelas malditas trincheiras.

Ele correu o dedo pela borda da caneca e o olhar se perdeu na superfície do líquido, mergulhando nas gotículas que nasciam do fundo.

– Isso foi há mais de vinte anos – o padre comentou. – Depois as coisas melhoraram. Agora é que elas se perderam novamente.

– Melhoraram onde, monsenhor? Talvez aqui onde você estava. Mas não na nossa Alemanha. Lá derrubaram governo depois de governo, fizeram revoluções, mataram mais gente, querendo continuar entre nós mesmos a guerra que já terminara.

Konrad pensava nos jovens radicais matando o ministro Rathenau num atentado e, depois, eles mesmos sendo liquidados pelo governo como cervos numa caçada, em Rosa Luxemburgo morta e lançada num canal por oficiais da cavalaria, nos militares interrompendo uma marcha pela cidade para fuzilar populares porque alguém gritara um insulto qualquer, nas batalhas de espartaquistas e sociais-democratas, nas lutas armadas entre comunistas e liberais. Konrad via-se de volta do trabalho, correndo para se esconder entre os guardas que se moviam em meio à fumaça dos tiros, os rifles apontados para a frente, os corpos de soldados e trabalhadores estendendo-se pelas ruas ante os olhares estarecidos dos moradores que se ocultavam nas janelas dos prédios de Berlim.

– Não fomos os únicos, Konrad. Não podemos dizer também que este país seja o paraíso. Você não chegou a ver os tiros pela rua desta cidade quando os paulistas e mineiros se estranharam. De uma forma ou de outra, cada nação carrega as suas cruzes.

– É melhor o senhor ir embora ou a lua não será suficiente para iluminar o seu caminho até em casa.

– Agora existem postes com luz elétrica pelas ruas, Konrad.

O padre balançou a cabeça, contornou a mesa e começou a se dirigir à porta, mas Konrad se levantou e interceptou-lhe o caminho, colocando a mão em seu ombro.

– Obrigado, Wolfgang. Quando vamos ficando velhos, precisamos mais que nunca da companhia dos amigos. Volte sempre. Ainda vou fazer você saborear minha cerveja.

– Não descerei tanto moralmente, caro Konrad.

A lâmpada no poste varria a porta da casa com um leque de luz. Um ruído de ferrugem se arranhando acompanhou o gesto de Valentino Evangelista ao abrir o portão baixo, rente à grade que corria por toda a fachada e reproduzia as formas repetidas de um animal agachado sobre as patas. Quando se sentava na varanda, olhando a tarde se esvaír no recorte das montanhas, Valentino tentava identificar que animal seria aquele. As patas de um cão, a cabeça de um equino, o corpo largo como o de um elefante, os traços eram apenas sugeridos pelas tiras de metal, e ficava a dúvida sobre a intenção do artesão. O pai de Valentino garantia nunca ter encomendado nada além de uma grade pequena e bonita para compor com a casa cheia de desenhos de gesso e retábulos com imagens de santos. Antes de sua família chegar do interior, ali morara um velho padre português, afastado dos deveres sacerdotais por alguma doença que, por fim, o vitimara. Ao comprar a propriedade, os Evangelista mantiveram quase tudo como fora construído, com exceção da grade que preenchia a longa frente da casa.

Do lado esquerdo, um canteiro de rosas separava a construção vizinha, moradia do advogado que vivia alternando empregos nos gabinetes do governo estadual, e agora chefiava o gabinete de um secretário. Do outro lado, apenas um sulco delimitava o espaço do lote entre a residência dos Evangelista e a casa dos alemães. Naquele pequeno leito de alguma enxurrada extinta, às vezes se espalhavam montículos de verduras ou mesmo protótipos de árvores frutíferas. Quanto a Valentino, a cicatriz do terreno se prestara, durante quase toda a infância, a representar caudalosos rios, escuros túneis de ferrovias e cânions onde duelavam os bandidos de Karl May ou os inimigos de John Wayne retirados dos filmes cujo resumo lhe contava o pai de Sophie ou o senhor Breno Rodrigues, o advogado vizinho. E eles falavam também de mulheres bonitas, cujos nomes mágicos povoavam-lhe a imaginação. Joan Crawford. Gloria Swanson. Greta Garbo.

Não se lembrava de o pai ir ao cinema, embora no mundo dos astros tenha buscado o nome do próprio filho. Preferia distrair-se com livros brasileiros ou portugueses de alguns autores que, a Valentino, costumavam soar monótonos e

sem atrativos. Era comum ver sobre a mesa do escritório do pai volumes abertos de José de Alencar, Humberto de Campos ou mesmo de autores mais recentes como Cassiano Ricardo, um de seus prediletos.

Eram pequenos detalhes como esse que vinham afastando Valentino do pai à medida que os anos passavam. Na festa dos dez anos do garoto, apenas um mês antes daquela noite, Osório não soubera sequer como cumprimentar o filho. Ameaçara cobri-lo com os braços, mas o momento de carinho se esvaíra num mero alisar de cabelos. Osório não compartilhava os mesmos gostos que Valentino e, absorto pelo trabalho na olaria, nem mesmo conseguia administrar o tempo de forma a estar um pouco mais perto do menino.

Certa vez, recebera da escola o aviso de que Valentino não ia bem nas aulas, conseguindo por um fio superar as notas mínimas para a aprovação. Incapaz de ver as causas na distância cada vez maior que lhe dedicava, chamou o garoto para uma explanação cheia de ameaças e chamados ao brio e à responsabilidade, acusando-o de não estudar durante o dia em casa como deveria estar fazendo. A seu modo, e buscando uma entonação que não configurasse um motim, Valentino tentou expressar a carência que sentia, dizendo que o pai não estava em casa durante os dias e, assim, não poderia afirmar que ele não estudava. Por pouco Osório não esqueceu o hábito de nunca bater no filho, mas conteve-se e o proibiu durante uma semana de sair para brincar com os colegas da rua ou com a garota alemã.

Quando entrou em casa, o pai o olhou por cima das travessas de louça e da fumaça que ainda se erguia pelas bordas da sopeira coberta. Valentino sabia que demorara além do permitido. As 6 horas da tarde ou o primeiro momento em que a escuridão se infiltrava no dia – o que viesse primeiro – eram os limites para cruzar os umbrais da casa, recolher-se à banheira e postar-se nas redondezas da sala de jantar, aguardando o instante em que o pai chegava da rua faminto e se sentava à cabeceira da mesa, depois de dizer boa noite ao filho e à mulher. Mas Valentino se embarçava nos rastros do relógio, distraía-se no intervalo dos ponteiros, seduzido por qualquer coisa que surgisse no caminho. Depois se agitava como se fosse possível ultrapassar o fluir do tempo, recuperando os minutos perdidos. Mas, no final, sempre se atrasava para a escola, para os passeios, para o jantar. O mundo corria mais depressa, ameaçando deixá-lo para trás, ou então era ele mesmo quem provocava o descompasso, ansiando por algo que sabia não encontrar na sincronia das horas, no cumprimento dos compromissos.

Desculpou-se com o pai, alegando que estudara parte da tarde na casa de Francisco, o colega mais querido, e depois se detivera ajudando uma mulher com uma criança de colo a carregar a mala pelas ruas do bairro. Quando chegaram

ao destino, já estava tarde, o sol se apressando para se esconder na curvatura das serras.

– Para onde ela ia? – o pai perguntou, não revelando na voz se acreditava ou não na história.

– Era uma estrangeira. Ia para a cervejaria.

Osório Evangelista ergueu uma colher da molheira e derramou um caldo avermelhado sobre o traçado de massas no prato. Não levantou os olhos para o filho quando sentenciou:

– Você chegou atrasado. Portanto, perdeu a janta de hoje.

Valentino moveu a cabeça em sinal de concordância, parou ao lado da cadeira da mãe e a beijou no rosto, antes de subir em silêncio as escadas que levavam ao pavimento dos quartos. No corredor, apanhou a gaiola onde já dormitava o pássaro preto apoiado no poleiro como um retalho de seda negra. Puxou atrás de si a porta do quarto, sentou-se no chão de pernas cruzadas, colocando a gaiola ao seu lado. Conversou com o pássaro e correu delicadamente os dedos pela grade da gaiola. O animal despertou e se agitou, movendo as penas e o bico curto e agudo, mas sem sobressaltos, apenas respondendo aos movimentos de Valentino. Cantou alto, esquecendo-se de que já era noite, tempo em que as aves se calam e adormecem.

O garoto riu e o os pios se avolumaram. Ele abriu a porta da gaiola para encher a vasilha de água. Levou a tigelinha ao banheiro e retornou ao quarto. Com cuidado, recolocou a tigela ao lado do pote apinhado com os grãos de alpiste. Às suas costas, a porta do quarto se abriu e a sombra do pai cobriu a cama e a gaiola, escurecendo parte da cortina como uma nódoa de fuligem. Não havia irritação ou mesmo determinação no rosto que se voltou para as paredes, o armário num canto e, enfim, para o menino sentado no chão, as mãos ainda retendo a portinha da gaiola. Na realidade, Osório parecia confuso, ainda indeciso sobre o que falar ao filho.

– Até quando você vai ficar brincando com aquela garota?

Valentino olhou o pássaro saltar para o poleiro inferior e depois pular de volta. Ele se perguntou se a ave conseguia captar sua própria excitação, a faísca de insegurança que o percorria quando o pai se aproximava para cobrar alguma coisa. Naqueles instantes, perdia os referenciais da fala, conseguia somente se armar antes de o pai dizer qualquer palavra, preparando-se para um embate do qual nunca saía vencedor.

– Não tem nada de errado brincar com a Sophie, pai. Ela é uma boa menina.

– Cada vez mais você se afasta dos amigos do bairro e da escola.

– Não é não, pai. Eu estava com o Francisco hoje mais cedo.

– Eu não gosto que você fique se envolvendo com aquela garota.

Valentino abdicou da discussão. Não era a primeira vez que o pai reclamava de sua amizade com Sophie, embora nunca explicasse os motivos da implicância, assim como jamais expressou uma proibição concreta de que eles se encontrassem. Talvez porque intuísse que o filho não cumpriria alguma ordem nesse sentido, preferia adejar num terreno ambíguo no qual apenas ameaçava interromper os laços de amizade que o uniam à menina alemã. Era um duelo sem final que travavam há muito tempo, uma peça a mais no muro que construíam entre si, afastando-se para mundos intransponíveis nos quais algum dia talvez não pudessem mais se reconhecer mutuamente.

– Não sei por que tolero esse relacionamento de vocês. Tudo bem, ela é cega, acho até bonito você ficar com pena dela, mas às vezes acho que você exagera no tempo em que fica com essa menina.

Valentino continuou imóvel, os dedos apoiando a portinhola, os olhos cruzando com os do pássaro, apesar de não mais conseguir distingui-lo. Já seguia para dentro dos limites do mundo onde se abrigava da insensatez paterna, protegendo-se mais ainda da frustração de perder a amizade do pai que, anos atrás, costumava colocá-lo sentado nos ombros, como se pretendesse levá-lo através da vida. Valentino queria recompor aquela sensação de proximidade e segurança, apoiar-se outra vez nas mãos de Osório. Mas pensava que não valia a pena tentar. Aliás, nem sabia como fazer isso.

– Menino brinca com menino. Menina brinca com menina.

As frases nem chegaram a ser compreendidas por Valentino, que somente percebeu a saída do pai quando um movimento às suas costas despertou-o da divagação. Assustado, procurou o pássaro no vão da gaiola e a encontrou vazia.

Olhou em volta pelo quarto, acompanhando o alarido das asas se movendo em voo cego por cima do armário e da cômoda, tropeçando na lisura das paredes, confundindo-se com as sombras projetadas da lâmpada no teto. Correu para fechar a janela do quarto, no instante em que o pássaro batia asas naquela direção, buscando o cheiro das árvores do quintal.

Por fim, a ave se cansou e pousou sobre a cama. Não tentou fugir quando as mãos de Valentino se fecharam em torno das penas e ele a carregou de volta à gaiola, que deixou pendurada no corredor. De volta ao quarto, vestiu o pijama, apagou a luz e se deitou sobre as cobertas. Lembrou-se das palavras do pai enquanto revia Sophie saltando no ar sobre o jogo da amarelinha, as mãos estendidas buscando as dele, os pés pousando com cautela sobre os traços de giz na calçada. Mas foi o som de asas batendo na escuridão que lhe serviu de acalanto ao adormecer.

* * *

Os cavalos não se moviam, embora a tensão retessasse os flancos, as pernas dianteiras erguidas no meio de um passo. Mas era a mulher em pé no carro detrás da quadriga, as asas sugerindo um movimento similar ao dos animais, que sempre perturbava Erika. Não havia uma vez em que atravessasse os gramados em torno do portal sem erguer os olhos para o alto das colunas jônicas e admirar, entre fascinada e temerosa, a deusa alada conduzindo os quatro corcéis, prestes a saltarem do alto do monumento para sobrevoar a larga avenida Unter den Linden.

Foi em algum lugar um pouco mais à frente do Portão de Brandemburgo que ela pensou em parar e se esconder junto à parede de um prédio nas imediações da biblioteca. Mas, conseguindo relaxar por um instante, misturou-se aos transeuntes que olhavam, apenas curiosos, o grupo agitado de rapazes levar nas mãos alguns objetos e empilhá-los debaixo das árvores.

Seguiu em frente e entrou na Biblioteca Nacional. Buscava alguns trabalhos nos quais se referenciava para construir um novo romance. Embora não pudesse mais publicar no país, continuava escrevendo como uma obrigação consigo mesma e restringia aos próprios olhos e aos de Albert os únicos leitores de uma obra que fora elogiada por Thomas e Heinrich Mann.

Antes de cruzar o *hall*, defrontou-se com outro grupo de rapazes que vinha saindo, os braços abarrotados de livros. Passaram por ela sem vê-la, rindo e conversando em voz alta. Nos braços de alguns, a tarja negra com a suástica parecia refazer o rosto dos jovens, dando-lhes outra dimensão, mais misteriosa e atroz. De relance, ela viu o sobrenome Mann num dos livros e ficou curiosa sobre o destino de todas aquelas obras. Não conseguira divisar se era Thomas, Heinrich ou Klaus. Mas a forma descuidada como carregavam os volumes não sugeria que fossem meros leitores.

Alguns usuários deixaram sobre as mesas os tomos que consultavam e se levantaram para chegar às janelas ou mesmo seguir os jovens festivos até a porta. Enfim, Erika compreendeu e, apavorada, voltou-se também para trás. Desceu para a Unter den Linden e seguiu rumo à praça, pondo-se num canto enquanto se esforçava para não expressar no rosto a tensão que a atravessava. Os livros eram depositados numa grande pilha, volumes e mais volumes se derramando sobre o calçamento. Um oceano de papel impresso. Castelos de livros. Florestas de livros. Cordilheiras de livros. Avalanches de capas e miolos escorrendo do alto a cada vez que uma nova remessa caía com violência sobre a interminável elevação.

Erika ladeou as paredes curvas da antiga biblioteca e tornou a encolher-se num dos nichos que a fachada descontínua formava entre as pilastras coríntias. Tentou ir para casa, mas a pequena multidão já criava uma espécie de muralha em torno do local. O seu olhar se recusava a contemplar o centro da praça, desviando a atenção para o domo da catedral, em busca de alguma força para que o rosto se

mantivesse sereno, os olhos secos, os lábios imunes ao tremor que os seduzia. Identificou oficiais da SS, serenos e impávidos, misturados aos jovens. Talvez fosse melhor permanecer quieta no meio dos espectadores. Se sáísse naquele momento, poderia ser observada e, nesse caso, seria imprevisível a reação dos nazistas. Um moço loiro de paletó e gravata-borboleta deu um passo à frente, gritou algo que Erika não ouviu, tirou do bolso uma pequena caixa e riscou o fósforo no ar.

Quando conseguiu outra vez olhar para a frente, as cabeças dos homens e mulheres em volta poupavam-na de ver por inteiro o cenário se iluminar com as labaredas, os papéis espalhados na avenida ganhavam a cor amarela do fogo. Um rapaz, talvez o mesmo que acendera o fósforo, dançava em torno da fogueira, sendo logo acompanhado por outros colegas. Erika os olhava contra as chamas, a suástica nos braços reverberando em meio às faíscas que os livros lançavam para o alto.

– Queima Freud! – gritava alguém.

Erika descobriu como chorar sem lágrimas e em silêncio. As pálpebras erguidas, os olhos refletiam o incêndio sem se deixarem marejar.

– Arde no inferno, Remarque.

Os rapazes ainda saltavam diante do fogo, silhuetas que gritavam e se mexiam, aparições de uma noite de sonhos maus, sombras de antigos demônios extraídos da geena para habitarem as ruas de Berlim. Olhou a sucessão de estátuas coroando a universidade no outro lado da Unter den Linden, circunspectos homens de pedra que lá de cima assistiam a tudo inertes ou indefesos. E enquanto montanhas mágicas e mortes em Veneza se tornavam lâminas de carvão, Erika sentia-se mergulhar no horror.

– Arde Musil! Arde Heine!

E havia seus próprios livros, com certeza também lançados na pira sacrificial. Embora não fosse apenas pelos livros que se lamentava. Era porque Hans Castorp não subiria até Davos. Porque o doutor Kemp não se defrontaria com os mistérios da ciência. Porque ninguém saberia nada sobre a tristeza de Mrs. C. Porque Raat não seria mais perturbado. Porque nem sequer os cães lançariam chamados selvagens nas fronteiras geladas da América. Ela chorava porque sentia que o mundo talvez começasse a terminar naquele dia na Unter den Linden.

A pilha de livros flamejava, as páginas se enrugando enegrecidas, os textos se desintegrando pelo fogo, letras e palavras convertidas numa nuvem de fumaça que se fundia à escuridão da noite. O público olhava. Os guardas olhavam. Erika olhava. Enquanto as páginas se desfaziam, e as tramas, os personagens, as madrugadas insones que um dia criaram a fantasia, o sonho, as lágrimas. Ideias carbonizadas. Sentimentos em cinzas.

Erika ouviu a voz de um homem fardado sobrepor-se à algazarra, impondo o silêncio. Braços se ergueram em saudação. Quem era aquele? Goering? Himmler? Hitler? Goebbels? Tanto fazia. Ela já não escutava o que ele dizia, em meio aos estalos das folhas vinham apenas fragmentos de palavras, como se o fogo também tentasse apagar as letras que flutuavam no vento, vindas da voz daquele homem:

– O futuro homem alemão não será apenas um homem de livros, mas um homem de caráter.

E depois:

– E assim vocês agem certo nesta hora da noite... entregar às chamas o espírito maléfico do passado...

As lágrimas enfim romperam a represa. Erika cobriu o rosto com as mãos e notou que era noite. Viu um vislumbre de luz no fundo do raio de visão. Havia um ruído distante de coisas se mexendo e a voz constante de alguém que sussurrava. Ao reabrir os olhos, reconheceu o vulto de Hans ressonando sobre o colchão onde o senhor Konrad o deitara para passar aquela noite. Esperando que a respiração se normalizasse, examinou as paredes do quarto, a porta ligando o cômodo à sala do pequeno barracão, um anexo à casa dos Petersen. Tinham-na instalado ali até que pudessem arrumar melhores acomodações para ela e o filho.

Não conseguiu dormir, revendo o sonho que era, na verdade, apenas uma recordação. Desde que tudo começara, perdera a capacidade de engendrar novos sonhos, limitando-se a reproduzir na tela da noite os acontecimentos que se sucederam ao longo daqueles últimos meses. Esperou a claridade do dia chegar, o som do vento reduzir-se gradativamente à medida que as horas avançavam. Começou a ouvir os ruídos da rua que amanhecia, o movimento dos Petersen dentro da casa, os empregados chegando para o trabalho na cervejaria.

Hans despertou com um riso, devia ter sonhado algo feliz, e ela compartilhou da momentânea alegria. Levou-o no colo até a janela, que escancarou para ver, depois do muro quase rente ao chão, a rua com os poucos carros e carruagens, um bonde equilibrando-se nos riscos dos trilhos, a mulher com uma trouxa de roupa sobre a cabeça, o homem esfregando os olhos enquanto levava sob o braço um amassado embrulho de pão.

– Nosso novo lar, Hans... Brasil.

– Asil – o menino repetiu e recostou, sonolento, a cabeça nos seios da mãe.

O galo cantou, tardio, num quintal vizinho. Um cão latiu em outra parte. E um novo dia começou.

* * *